

A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO **JOSEPH SCHUMPETER**

Introdução à tradução ao português

“Existiram muitos Schumpeters” o brilhante *enfant terrible* da Escola Austríaca que, antes de completar trinta anos, havia escrito dois livros extraordinários; o jovem causídico que chegou a advogar no Cairo; o criador de cavalos; o Ministro da Fazenda na Áustria; o filósofo social e profeta do desenvolvimento capitalista; o historiador das doutrinas econômicas; o teórico de Economia que preconizava o uso de métodos e instrumentos mais exatos de raciocínio; o professor de Economia”.

Ninguém melhor do que Paul Samuelson para sintetizar a genialidade e a versatilidade de Joseph Alois Schumpeter. O elogio foi publicado inicialmente na *Review of Economics and Statistics* e, posteriormente, na coletânea de trabalhos organizados por Seymour E. Harris em homenagem ao grande economista austríaco.

O dia 8 de fevereiro de 1983 é a data do centenário de nascimento de Schumpeter. Nascido em Triesch, na Moravia, província austríaca hoje pertencente a Tchecoslováquia, Schumpeter foi o único filho do fabricante de tecidos Alois Schumpeter. Pouca coisa se sabe a respeito de seus pais, exceto que a mãe, Johanna, era filha do médico Julius Gruner.

Joszi (como era chamado na infância) ficou órfão de pai com apenas quatro anos de idade. Sua mãe casou-se novamente em 1893 com o tenente coronel do Exército Austro- Húngaro Sigismund von Keller.

A família passou então a viver em Viena, onde Schumpeter concluiu o curso secundário com distinção.

Posteriormente, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Viena, graduando-se em 1906.

Nessa época, as Universidades imperiais incluíam no estudo de Direito cursos e exames complementares de Economia e Ciência Política. Aluno aplicado, Schumpeter dedicou-se ao estudo da ciência econômica sem, entretanto descuidar-se do Direito.

Já formado decidiu viajar para a Inglaterra onde permaneceu durante vários meses, principalmente em Londres. Na capital inglesa, além de visitar Cambridge e Oxford, manteve intensa vida social.

Em 1907 resolveu casar-se com Gladys Ricardo Seaves, filha de alto dignitário da Igreja Anglicana e doze anos mais velha que ele. No mesmo ano o casal partiu para o Cairo, onde Schumpeter advogou perante o Tribunal Misto Internacional do Egito, sendo também conselheiro de finanças de uma princesa egípcia. Motivos de saúde, entretanto, obrigaram o casal a retornar para Viena em 1909. Gladys voltou para a Inglaterra em 1914, permanecendo durante a 1ª. Guerra Mundial, não retornando mais a Viena. Em 1920, o casal decidiu divorciar-se.

Schumpeter iniciou a vida universitária no mesmo ano em que retornou Áustria, ou seja, a partir de 1909. Nomeado professor de Economia da Universidade de Czernowitz (capital da província de Bukovina, na parte oriental da Áustria, hoje território da União Soviética), Schumpeter passou dois anos bastante felizes. É verdade que considerava seus colegas extremamente provincianos e incultos, embora os julgasse capazes em seus respectivos campos de atividade. Foi em Czernowitz, aliás, que teve início sua fama de *enfant terrible*. Schumpeter costumava assistir às reuniões da congregação Universitária com botas de montaria, suscitando comentários desfavoráveis. Mas para jantar a sós com a esposa vestia-se a rigor.

Em 1911, convidado a lecionar na Universidade de Graz, capital da província de Styria, foi nomeado professor de Economia por decreto

imperial, graças à influência do economista austríaco Bohm-Bawerk. Além de ser o mais jovem catedrático da Universidade, a fama de *enfant terrible* criou um certo mal estar entre os colegas da congregação. A atmosfera pouco cordial obrigou Schumpeter a viajar frequentemente para Viena.

Na qualidade de professor visitante, passou o ano letivo de 1913/ 14 na Universidade de Colúmbia (Nova York), foi distinguido com um grau honorífico, o de Litt.D. Universidade de Colúmbia. Pouco antes do início da primeira Guerra Mundial, retornou a Viena, abandonando a Universidade de Graz a partir de 1918.

Não obstante, continuou a pertencer ao quadro de congregação até 1921. Entre 1919 e 1924, resolveu dedicar-se aos negócios e à política, afastando-se das atividades docentes.

Com o Armistício, o governo socialista alemão, objetivando estudar e preparar socialização da indústria, cria uma comissão estudos e convida Schumpeter para participar das discussões. Nomeado membro da “Comissão de Socialização de Berlim”, Schumpeter permanece no grupo durante três meses; sua participação nesse trabalho fez com que se suspeitasse de suas convicções socialistas. A suspeita, entretanto, não correspondia á verdade: Schumpeter tendia para o sistema capitalista, embora acreditasse que o socialismo provavelmente triunfaria sobre o capitalismo.

Em março de 1919 aceitou o convite de Karl Renner - socialista da ala direita do Partido Socialista Cristão - para ser o ministro da Fazenda do primeiro governo republicano da Áustria. Mas permaneceu no cargo apenas dez meses. Em seguida passou para a presidência do Banco privado de Biedermannbank, em Viena, antiga e conceituada instituição financeira de pequeno porte. O banco abriu falência em 1924, não somente devido às difíceis condições econômicas da época, mas também, e principalmente, pela desonestidade de alguns de seus diretores. Nessa aventura, Schumpeter não só perdeu sua fortuna pessoal como ficou totalmente endividado, pois não quis aproveitar a lei da Falência,

preferindo pagar com seus bens pessoais à totalidade dos credores do banco. Após essa desastrosa aventura empresarial, resolve retornar à vida universitária. Recusou um convite para lecionar no Japão, mas aceitou a docência na Universidade de Bonn, como substituto do eminente economista liberal Heinrich Dietzel. Schumpeter jamais esqueceria a oportunidade oferecida por essas universidades num momento de orise.

Antes de partir para Bonn, casou-se com Annie Reisinger, jovem de 21 anos de idade, filha do porteiro do edifício onde residia sua mãe. A jovem era conhecida da família há muitos anos, tanto que o próprio Schumpeter e a mãe haviam cuidado de sua educação enviando-a a Paris e, posteriormente, à Suíça. Annie faleceu de parto após um ano de casamento, deixando Schumpeter abalado para o resto da vida. A esse rude golpe seguiu-se, no mesmo ano, a morte da mãe, com 75 anos de idade.

Mas Schumpeter não permaneceu muito tempo em Bonn. Em 1927 e 1928 lecionou na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, voltando a ensinar nessa Universidade no outono de 1930. Em 1932, decidido a fixar residência nos Estados Unidos, abandonou definitivamente a Universidade de Bonn. Nunca mais voltou à Alemanha ou Áustria, embora tivesse visitado a Europa algumas vezes. Estabeleceu-se em Cambridge (Massachusetts) e adquiriu uma casa de campo em Taconic (Connecticut), onde viria a falecer, durante o sono, no dia 8 de janeiro de 1950. Ao iniciar a vida acadêmica em Harvard, Schumpeter passara a residir na casa do prof. Taussig. Em 1937 havia se casado novamente, desta vez com Elizabeth Boody, descendente de família da nova Inglaterra e economista de méritos próprios, sua companheira inseparável até o fim da vida.

Um dos fundadores da Sociedade de Econometria (Econometric Society), cuja presidência exerceu de 1937 a 1941, Schumpeter foi eleito presidente da American Economic Association em 1948 e

pouco antes de sua morte foi elevado à categoria de primeiro presidente da recém-formada Internacional Economic Association.

Schumpeter costumava afirmar que a capacidade criativa do homem estava em seu ponto mais alto entre os 20 e os 30 anos de idade. Após esse período, o trabalho intelectual apenas completava e ampliava aquilo que a mente humana produzira de criativo até os 30 anos. De fato, quando tinha apenas 25 anos, em 1908 portanto, Schumpeter publicou sua primeira grande obra, A Natureza e a Essência da Teoria da Economia Nacional (*Das Wesen und der Hauptinhalt der Theoretischen National Okonomie*) e, quatro anos mais tarde, sua célebre teoria do Desenvolvimento Econômico (*Theorie der Wirtschaftlichen Entwicklung* – obras que estabeleceram sua importância como teórico de Economia. Ao completar 30 anos, ainda escreveu a história de sua ciência: *Épocas da História dos Métodos e Dogmas (Epochen der Dogmen und Methoden Geschichte)*. A essa evidente precocidade, o Professor Arthur Spiethoff rendeu a seguinte homenagem: “ Não se sabe o que é mais notável, se o fato de que um homem de 25 e 27 anos tenha dado forma aos próprios fundamentos de sua ciência ou se, aos 30 anos, tenha escrito a história daquela disciplina.”

Ao completar 50 anos de idade, Schumpeter já havia escrito 17 livros, duas novelas e centenas de artigos e ensaios científicos. Embora trabalhasse 84 horas semanais, parecia insatisfeito com sua produção. Achava que gastava muito tempo com aulas, seminários e conselhos a estudantes e colegas, não conseguindo produzir o suficiente para completar seu programa de contribuições à ciência econômica e à sociologia. No conjunto de seus trabalhos destaca-se ainda o tratado sobre os Ciclos Econômicos (*Business Cycles* 1939), cujo subtítulo elucida sua relação com o livro que comentaremos em seguida: “Uma Análise Teórica, Histórica e Estatística do Processo Capitalista”. Foi a primeira obra que publicou como Professor da Universidade de Harvard.

Em 1942, publicou *Capitalismo, Socialismo e Democracia* (*Capitalism, Socialism and Democracy*), obra considerada por muitos como um trabalho pessimista por concluir pelo inevitável triunfo do socialismo e o conseqüentemente desaparecimento do capitalismo. A conclusão é decorrente do processo analítico desenvolvido por Schumpeter, mas não expressa, de maneira alguma, sua ideologia ou preferência pessoal. Não obstante, vale acrescentar que as idéias de Karl Marl, a quem Schumpeter admirava e respeitava, representaram uma das maiores influências intelectuais em sua formação científica. Maior ainda que a influência exercida por Marx, foi a inspiração na obra do ecônomo francês Léon Walras. Influenciado por Walras, Schumpeter adquiriu o interesse pela formulação matemática e econométrica das questões econômicas, além de optar pela concepção de modelos econômicos para explicar a realidade e para a compreensão do processo de desenvolvimento capitalista.

Em vários artigos, Schumpeter traçou esboços biográficos de grandes economistas, reunidos mais tarde no volume “Dez Grandes Economistas de Marx a Keynes”. Seu crescente interesse pela História, levou-o a escrever a *História da Análise Econômica* (*History of Economic Analysis*, 1954) que, infelizmente, não chegou a concluir. O livro foi completado por sua viúva e publicado postumamente.

A *Teoria do Desenvolvimento Econômico* foi publicado pela primeira vez em 1911, em língua alemã. No prefácio à primeira edição em inglês, Schumpeter adverte que algumas das idéias contidas no livro datam de 1907 e que, em 1909, todas as teorias desenvolvidas na obra já estavam formuladas. Em 1926, já esgotada a 1ª. edição, Schumpeter aquiesceu numa nova edição, também em alemão. Essa edição resultou numa revisão em profundidade, na qual, além de outras modificações, foi omitido o capítulo VII e reescritos os capítulos II e VI. O próprio Schumpeter afirmou que

A teoria do Desenvolvimento Econômico em seu método e objetivo, é “francamente teórico”. Esclarece ainda que quando escrevera o livro pensava diferente sobre a relação entre pesquisa prática e pesquisa teórica. Afirma sua convicção de que “nossa ciência, mais do que as outras, não pode dispensar esse senso comum refinado que chamamos ‘teoria’ e que nos dá instrumentos para analisar os fatos e os problemas práticos”.

O primeiro capítulo da obra apresenta um modelo de economia estacionário, fundamentado num fluxo circular da vida econômica. Assim toda a atividade econômica se apresenta de maneira idêntica em sua essência, repetindo-se continuamente. Mas esse modelo contrasta com a estrutura dinâmica que Schumpeter apresenta no capítulo II, intitulado “O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico”, onde aparece a figura central do empresário inovador - agente econômico que traz novos produtos para o mercado por meio de combinações mais eficientes dos fatores de produção, ou pela aplicação prática de alguma invenção ou inovação tecnológica. “Nenhum outro economista, que eu saiba, percebeu tão claramente a importância crítica da taxa de crescimento na produção total.

Como ele afirmou, se a produção aumentar no futuro ao nível que aumentou no passado, todos os sonhos dos reformadores sociais poderão dar certo. Entretanto, se a política se dirigir à redistribuição imediata, não se realizarão nem os desígnios dos reformistas, nem o aumento da produção”. Como vemos, Schumpeter não só percebeu o papel central do crescimento econômico para a justiça social, como advertiu para os perigos da redistribuição prematura. (Opiniões sem dúvida relevantes para o debate econômico do Brasil contemporâneo.) Sem dúvida, Schumpeter distinguiu claramente a diferença entre crescimento e desenvolvimento: “Nem o mero crescimento da economia, representado pelo aumento da população e da riqueza, será designado aqui como um processo do desenvolvimento”. Em outra passagem da obra, Schumpeter destaca-se a figura do empreendedor: “. . . na vida econômica, deve-

se sem resolver todos os detalhes do que deve ser feito. Aqui, o sucesso depende da intuição, da capacidade de ver as coisas de uma maneira que posteriormente se constata ser verdadeira, mesmo que no momento isso não possa ser comprovado, e de se perceber o fato essencial, deixando de lado o perfunctório, mesmo que não se possa demonstrar os princípios que nortearam a ação”.

Também a relação entre a inovação, a criação de novos mercados e a ação de empreendedor, está claramente descrita por Schumpeter: É contudo, o produtor que, via de regra, inicia a mudança econômica e os consumidores, se necessário, são por ele ‘educados’; eles são, por assim dizer, ensinados a desejar novas coisas, ou coisas que diferem de alguma forma daquelas que têm o hábito de consumir”. Daí a pescrever a “destruição criadora”, ou seja, a substituição de antigos produtos e hábitos de consumir por novos, foi um passo que Schumpeter rapidamente deu ao descrever o processo do desenvolvimento econômico.

De outro lado, ao atribuir papel fundamental ao crédito no crescimento econômico, Schumpeter, de certa maneira, idealizou o moderno banco de desenvolvimento. Assim, escreveu ele: “Primeiro devemos provar a afirmativa, estranha à primeira vista, de que ninguém, além do empreendedor, necessita de crédito; ou o corolário, aparentemente menos estranho, de que o crédito serve ao desenvolvimento industrial. Já demonstramos que o empreendedor, em princípio e como regra, necessita de crédito - entendido como uma transferência temporária do poder de compra - a fim de produzir e se tornar capaz de executar novas combinações de fatores para tornar-se empreendedor”.

Schumpeter considerava que o crédito ao consumidor não era um elemento essencial ao processo econômico. Assim, afirmou que não fazia parte da “natureza econômica” de qualquer indivíduo que ele obtivesse empréstimo para o consumo, ou da natureza de qualquer processo produtivo que os participantes tivessem que contrair dívidas para fins consecutivos. E, apesar de reconhecer sua

importancia, deixa de lado “o fenômeno do crédito ao consumo, pois não tem importância prática, nós o excluímos de nossas considerações”. Na verdade, o raciocínio desenvolvido por Schumpeter procura demonstrar que “o desenvolvimento, em princípio, é impossível sem crédito”.

Schumpeter discute a função do capital no desenvolvimento econômico, considerando-o um “agente especial”, e afirma também que o mercado de capitais é aquilo a que na prática se chama mercado de dinheiro, pois, em sua opinião, não há outro mercado de capitais. A discussão em torno do papel do crédito, do capital e do dinheiro, unifica as três fontes de poder de compra de maneira extremamente interessante caracterizando-os como um meio de financiar a inovação e, conseqüentemente, o crescimento industrial. Diga-se, de passagem, que o desenvolvimento econômico concebido por Schumpeter é, basicamente, um modelo de industrialização.

Ao examinar o lucro empresarial, Schumpeter apresenta algumas reflexões sociológicas sobre a impossibilidade de os empreendedores transmitirem geneticamente a seus herdeiros as qualidades que os conduziram ao êxito, por meio de inovações e novos métodos produtivos. Assim, compara o estrato mais rico da sociedade com um hotel repleto de gente, alertando, porém, para o fato de que os hóspedes nunca são os mesmos. Isso decorre de um processo no qual os que herdam a riqueza dos empreendedores estão geralmente estão geralmente tão distanciados da batalha da vida que não conseguem aumentar ou simplesmente manter a fortuna herdada.

Schumpeter discute a teoria do juro, refutando conceitos antigos, e relaciona o “fenômeno” do juro com o processo de desenvolvimento. Essa interpretação é coerente com sua idéia de que só o empreendedor inovador necessita de crédito. A discussão, apesar de longa, é extremamente interessante. Contestando outros economistas, que supunham que a taxa de juros variava conforme a quantidade de dinheiro em circulação, Schumpeter demonstra que

essa relação é inversa, isto é, “o efeito imediato de um aumento de dinheiro em circulação seria o aumento da taxa de juros e não sua redução”.

O capítulo final Teoria do Desenvolvimento Econômico trata dos ciclos econômicos, ou seja, dos períodos de prosperidade e recessão econômica comuns no processo de desenvolvimento capitalista. Embora Schumpeter considerasse que o tratamento dado ao problema não fosse totalmente satisfatório, as idéias centrais contidas no capítulo constituíram o cerne de sua obra Ciclos Econômicos, publicada em dois volumes. Schumpeter relaciona os períodos de prosperidade ao fato de que empreendedor inovador, ao criar novos produtos, é imitado por um verdadeiro “enxame” de empreendedores não inovadores que investem recursos para produzir e imitar os bens criados pelo empresário inovador. Consequentemente, uma onda de investimentos de capital ativa a economia, gerando a prosperidade e o aumento do nível de emprego.

À medida que as inovações tecnológicas ou as modificações introduzidas nos produtos antigos são absorvidas pelo mercado e seu consumo se generaliza, a taxa de crescimento da economia diminui e tem início um processo recessivo com a redução dos investimentos e a baixa da oferta de emprego. A alternância entre prosperidade e recessão, isto é, a descontinuidade no aumento de produção, é vista por Schumpeter, dentro do contexto do processo de desenvolvimento econômico, como um obstáculo periódico e transitório no curso normal de expansão da renda nacional, da renda per capita e do consumo.

Até o aparecimento da teoria de Schumpeter, as descontinuidades cíclicas eram explicadas pelos economistas em função das flutuações da atividade cósmica do sol, da alternância de boas e más colheitas, do subconsumo da superpopulação etc. Neste importante capítulo da teoria econômica, a grande contribuição de Schumpeter foi estabelecer a correlação entre o abrupto aumento do nível do

investimento que se segue às inovações tecnológicas transformadas em produtos para o mercado, e o período subsequente de prosperidade econômica seguido de uma redução do nível de emprego, produção e investimento, além da incorporação da novidade aos hábitos de consumo da população. A tradução para o português e a publicação deste livro de Schumpeter são importantes para os estudiosos de Economia, estudantes universitários e professores, porque setenta anos após sua primeira edição em alemão, o livro é atual e pertinente ao debate econômico travado no Brasil e nos países industrializados Ocidente. Vale ressaltar ainda que o sistema Schumpeteriano se contrapõe, em muitos aspectos, ao sistema Keynesiano. Schumpeter e Keynes contemporâneos que se conheceram pessoalmente, nunca demonstraram qualquer afinidade intelectual ou ideológica. Arthur Smith confirma que sempre estiveram intelectualmente muito distanciados. No momento em que o sistema Keynesiano- concepção que vem dominando a política econômica há quase cinquenta anos - está sendo questionado pelos economistas da supply side economics (cujas idéias foram perfilhadas pelo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan), assume maior importância o estudo do sistema Schumpeteriano, principalmente como alternativa à política do estado dominador, que participa e interfere na vida do cidadão, do seu nascimento à morte,

O pessimismo de Schumpeter em relação ao futuro do capitalismo não parece algo a se concretizar num futuro próximo. Muito ao contrário, o triunfo final do socialismo parece cada vez mais distante e improvável. O fato se deve, sem dúvida, à ausência, nos países socialistas, da figura do empreendedor inovador. Nesses países, o Estado e suas empresas apenas mostraram-se capazes de copiar a tecnologia produzida pelos empreendedores inovadores no Ocidente. De outro lado, a visão otimista de Schumpeter de que se o crescimento econômico no futuro fosse igual ao do passado - quando as economias cresciam à taxa média anual de 3% - o problema social desapareceria, tornando realidade o sonho de todos os reformadores sociais, também não parece na iminência de concretização. O que

vimos em nosso país, por exemplo, após quinze anos de crescimento econômico ininterrupto, a taxas com que Schumpeter jamais sonharia, foi o agravamento de muitos problemas sociais e uma contínua deterioração da distribuição de renda.

Ao render minhas homenagens a um dos mais brilhantes teóricos da ciência econômica, não posso deixar de referir que, em nossa ciência, nem mesmo as inteligências mais privilegiadas conseguem produzir boas profecias.

Rubens Vaz da Costa

São Paulo, 23 de agosto de 1982

NOTAS

1 Samuelson, Paul A. Schumpeter como professor y Teorico de la Economia (in Schumpeter, Cientifico Social - El Sistema Schumpeteriano.) Barcelona, Edioiones de Occidente S.A.,1965.p.107.

2 Joseph Schumpeter in Memoriam, - Seymor, Harris, on oit.18.

3 Smithies, Arthur. Schumpeter e Ke ynes, in Harris, op. cit, p.295.

4 Schumpeter, Joseph - The Theory of Economic Development Oxford, Oxford University Press, 1978.p.63.

5 Schumpeter, Joseph. Op.cit., p.85.

6 Ibid., p.65

7 Ibid., p.102.

8 Ibid., p. 103

9 Ibid., p.186.